

Brasil precisa de investimentos de risco, diz banqueiro canadense

ESTADO DE SÃO PAULO

Economia Brasil

27 NOV 1983

ANTONIO CARLOS DE GODOY
enviado especial

TORONTO — Os banqueiros internacionais não se deixarão influenciar negativamente pelos problemas mais imediatos do balanço de pagamentos brasileiro, pois estão seguros de que a realidade fundamental do Brasil não se alterou: a economia do País continua viável e tem todas as condições para superar as atuais dificuldades. Este é, em síntese, o pensamento de William D. Mulholland, presidente do Banco de Montreal, um dos mais destacados banqueiros do Canadá, que conhece bem os problemas da economia brasileira. Apesar desse otimismo, ele adverte que o Brasil não mais poderá financiar seu desenvolvimento apenas com base em empréstimos externos contratados a juros flutuantes.

"A saída — afirma Mulholland — está em uma mudança de atitude em relação ao capital estrangeiro de risco, que pode contribuir, além dos empréstimos externos, para financiar o desenvolvimento brasileiro, tal como aconteceu nos Estados Unidos e no Canadá."

O presidente do Banco de Montreal considera inevitável a presente fase de ajustamento econômico e reconhece os males da recessão, mas lembra que os problemas não serão resolvidos apenas com medidas corretivas. "O que se deseja, diz ele, é romper algumas tendências más, como o constante aumento da inflação. Depois, vem a tarefa dura de reorganizar as forças, a fim de que seja possível repor a atividade econômica em um nível positivo, reestimular os investimentos etc."

Assim, Mulholland recomenda cuidado para que no processo de

ajustamento não sejam destruídos os instrumentos da recuperação econômica que deverá ocorrer dentro de dois a três anos. Ele observa que a preservação da economia não é apenas problema brasileiro, pois o mesmo tipo de preocupação existe em relação aos programas de ajustamento do México, por exemplo, e de vários outros países. "Não se joga o bebê fora com a água do banheira", acrescenta. "Quando o período mais doloroso de ajustamento estiver concluído, nada acontecerá se o tecido econômico do país estiver destruído, porque para atingir os alvos de uma retomada é preciso uma reinação das atividades e do crescimento."

Nesse sentido, Mulholland acha essencial evitar que a atmosfera de crise leve ao negligenciamento da economia interna, caso contrário ela não poderá responder quando for necessário. Segundo ele, os anos finais desta década serão muito mais decisivos para a economia brasileira que os próximos anos, uma vez que na segunda metade dos anos 80 ela precisará retomar seu impulso de crescimento.

Ele diz isso para demonstrar que não tem dúvidas sobre a capacidade da economia de superar a recessão. "Não iremos ao Brasil para apressar o pagamento de empréstimos. O que estamos desejando é equilíbrio, estabilidade, a fim de que o País possa retornar a um bom padrão de crescimento a longo prazo. Essa é a melhor garantia que temos. Nós não queremos que o Brasil pague todos os seus empréstimos (os bancos não teriam negócios se isso acontecesse); queremos a dívida administrada de maneira ordenada, queremos uma economia forte e, essencialmente, uma política equilibrada."

ABERTURA

Mulholland ficou muito bem impressionado "com a firmeza no compromisso de devolver o País a um governo constitucional, pois deve haver enormes tentações e pressões para que esse processo seja adiado. Ademais, parece-me extremamente ambicioso fazer tudo isso durante um período de dificuldades econômicas (um governo mais fraco já teria atirado a toalha)". Na opinião dele, a maior parte dos problemas políticos do governo foram resolvidos porque o próprio governo criou o ambiente no qual é possível ter problemas políticos. "Isso realmente é notícia, é realmente novo no Brasil." Exemplo desse clima político foi o debate no Congresso sobre a legislação salarial, que acabou levando a uma solução de compromisso. Para ele, o Legislativo participou do processo e o fez de modo muito responsável.

O presidente do Banco de Montreal acredita que as medidas de ajustamento econômico ora em curso requerem o apoio da opinião pública para serem bem-sucedidas, pois, sem esse apoio, os programas não funcionam. "Não é possível definir um programa com tecnocratas de organismos internacionais e depois simplesmente anunciá-lo ao público. É a boa notícia no Brasil é que o processo está funcionando e o governo recebendo esse tipo de apoio."

Uma das coisas que mais desagrada Mulholland é o fato de que apenas um número relativamente reduzido de banqueiros tenha dedicado algum tempo para uma visita ao Brasil (ele fez sua última visita ao País em setembro, quando previu o reinício dos empréstimos externos, e pretende voltar em junho de 84). Para ele, é necessário dizer às pessoas, aos brasileiros, que os banqueiros se importam muito com o que acontece no País e que a participação do Brasil na comunidade internacional é tão importante para os banqueiros quanto para os brasileiros. "Estamos dispostos a ajudar — acrescenta. Acho que há uma grande apreensão no Brasil e de certa forma isso não é necessário. As pessoas temem que as coisas deixem de acontecer, porém ninguém está procurando garantir aos brasileiros que elas acontecerão."

Em suma, Mulholland acha que os brasileiros precisam ter certeza de que o resto do mundo não é indiferente a seus problemas, que os outros povos são razoáveis e, por isso, não pretenderão impor coisas que não sejam razoáveis para o Brasil. "O que todo mundo deseja é um Brasil saudável e dinâmico, e não um Brasil prostrado. Claro que vocês têm problemas, mas a noção cataclísmica de um país em derrocada é uma loucura. Trata-se de enorme potência continental. Essas coisas não acontecem a países como o Brasil."



Mulholland: ninguém quer investir a longo prazo